

(RE)ENCONTRANDO PAUSÂNIAS: UMA INVESTIGAÇÃO DA DESCRIÇÃO DA GRÉCIA À LUZ DA HISTORIOGRAFIA



(RE)DISCOVERING PAUSANIAS: AN INVESTIGATION OF "DESCRIPTION OF GREECE" IN LIGHT OF HISTORIOGRAPHY

Arhão Henrique Ramos da Silva¹

Resumo

A *Descrição da Grécia* de Pausânias, escrita no século II d.C., é composta por dez livros que detalham regiões específicas da Grécia continental. Além de descrever geograficamente cada local, Pausânias oferece uma narrativa descritiva que abarca desde os mitos fundadores até seu tempo contemporâneo, com um foco especial em monumentos artísticos, rituais religiosos e questões políticas. Este artigo analisa a obra, abordando seus percursos e recepção histórica, a cronologia e composição dos textos, e debates sobre a autoria e o gênero literário da *Periēgēsis*, que pode ou não ser considerada uma obra historiográfica. A discussão também destaca a vida de Pausânias, provavelmente originário da Lídia, e o impacto contínuo da *Descrição da Grécia* nos estudos da antiguidade clássica.

Palavras-chave: Pausânias; Descrição da Grécia; Periēgēsis.

Abstract

Pausanias' *Description of Greece*, written in the 2nd century AD, is composed of ten books detailing specific regions of mainland Greece. Besides providing a geographical description of each location, Pausanias offers a narrative that spans from the founding myths to his contemporary period, with a special focus on artistic monuments, religious rituals, and political issues. This article analyzes the work, exploring its historical context and reception, the chronology and composition of the texts, and debates regarding the authorship and literary genre of the *Periēgēsis*, which may or may not be classified as a historiographical work. The discussion also highlights the life of Pausanias, who was likely from Lydia, and the enduring impact of *Description of Greece* on classical antiquity studies.

Keywords: Pausanias; Description of Greece; Periēgēsis..

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: arhaohenrique@gmail.com.



Introdução²

A obra *Descrição da Grécia* (*Periēgēsis tēs Hellados*) é um conjunto de textos atribuídos a Pausânias (séc. II d.C.) e composta de dez Livros sobre a Grécia continental, correspondentes às seguintes regiões: Livro I – Ática; Livro II – Corinto; Livro III – Lacônia; Livro IV – Messênia; Livro V – Élis I; Livro VI – Élis II; Livro VII – Acaia; Livro VIII – Arcádia; Livro IX – Beócia e Livro X – Fócida e Lócrida Ozoliana.

Neles, além de uma descrição dos locais que visita, há uma narrativa histórica de cada região desde seus mitos fundadores até o tempo contemporâneo a ele (séc. II d. C.). Há um grande interesse em descrições de monumentos artísticos, principalmente estátuas, relíquias e templos; rituais religiosos; digressões sobre regiões ou monumentos; e questões políticas ligadas às regiões e às guerras, como as guerras persas, guerras contra os gálatas (celtas) e, finalmente, contra os romanos.

A partir desse breve panorama sobre a *Descrição da Grécia*, discutiremos neste artigo elementos relevantes à compreensão e investigação da nossa fonte: os “percursos” da *Descrição da Grécia* e do autor Pausânias e sua discussão na historiografia; sua cronologia; a composição da obra e título; seu processo de recepção e autoria; bem como a vida do autor e a sua historiografia. Buscamos, com isso, atualizar o debate acadêmico no intuito de trilhar novas perspectivas para a abordagem dessa fonte no âmbito dos estudos sobre a antiguidade clássica.

A *Descrição da Grécia* em perspectiva: percursos e debates

De acordo com o que é discutido por Gilberto da Silva Francisco³ a menção mais antiga, tanto do suposto autor (Pausânias), quanto do título do conjunto dos textos (*Periēgēsis tēs Hellados*) teria sido feita por Estevão de Bizâncio no século

² Este artigo é parte do capítulo introdutório da dissertação de mestrado intitulada “**O que os deuses revelam os deuses recordam: A evocação da memória cultural grega a partir do motivo oracular e da temática divinatória na ‘Descrição da Grécia’ de Pausânias**”, defendida em 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/69118>. Acesso em: 24 jun. 2024.

³ FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 281-293.



VI d.C.⁴ Existe a identificação de 26 excertos da *Descrição da Grécia na Suda*, a qual Guilmet define como o “[...] grande inventário enciclopédico compilado entre 976 e 1025”⁵. No século XIII, foi lido por Máximo Planudes (1260-1330) e Nicéforo Gregoras (1295-1360) no monastério de Choras em Constantinopla. Guilmet aponta que o manuscrito foi levado para a Itália por um viajante no século XV⁶.

Com isso, a autora menciona que Étienne Clavier em 1814, “[...] foi o primeiro a sugerir que os dezoito manuscritos preservados na Renascença todos derivaram – direta ou indiretamente – de uma única cópia que chegou em Florença em 1418, na biblioteca do humanista Niccolò Niccoli (1364-1437)”⁷. Os manuscritos citados, estimados em ao menos dezoito, datam dos séculos XV e XVI⁸.

A primeira edição impressa da *Descrição da Grécia* de Pausânias foi publicada em Veneza em 1516, na tipografia de Aldo Manúcio, inaugurando a obra na era da imprensa⁹. A partir daí, podemos notar a “disseminação da Periēgēsis na imprensa,” a partir do século XVI¹⁰.

⁴ FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 286.

⁵ “[...] the great encyclopedic inventory compiled between 976 and 1025”. GUILMET, Céline. “The Survival of Pausanias’ Text”. In: GEORGOPOULOU, Maria; _____. **Following Pausanias: the quest for Greek antiquity**. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 52.

⁶ GUILMET, Céline. “The Survival of Pausanias’ Text”. In: GEORGOPOULOU, Maria; _____. **Following Pausanias: the quest for Greek antiquity**. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 52.

⁷ “[...] was the first to suggest that the 18 preserved Renaissance manuscripts all stemmed – direct or indirectly – from a single copy that arrived in Florence in 1418, at the library of the humanist Niccolò Niccoli (1364-1437).” GUILMET, Céline. “The Survival of Pausanias’ Text”. In: GEORGOPOULOU, Maria; _____. **Following Pausanias: the quest for Greek antiquity**. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 53.

⁸ DILLER, Aubrey. “The Manuscripts of Pausanias.” **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, vol. 88, 1957, pp. 163-182 *apud* TOLIAS, George. “Pausanias in Modern Times (1418-1820): Introduction”. In: GEORGOPOULOU, Maria; GUILMET, Celine. **Following Pausanias: the quest for Greek antiquity**. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 58.

⁹ STAIKOS, K. S. “The First Edition of Pausanias’ *Ελλάδος Περιήγησις*”. In: GEORGOPOULOU, Maria; GUILMET, Celine. **Following Pausanias: the quest for Greek antiquity**. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 80.

¹⁰ KRISTELLER, Paul Oskar (Ed.). **Catalogus Translationum Et Commentariorum: Mediaeval and Renaissance Latin Translations and Commentaries: Annotated Lists and Guides**, 5 vols. Washington, Catholic University of America Press, 1971, p. 215-20 *apud* GUILMET, Céline. “The Dissemination of the Periēgēsis in Print, 16th - 17th Centuries”. In: GEORGOPOULOU, Maria; _____. **Following Pausanias: the quest for Greek antiquity**. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 88.



A partir da apresentação da trajetória do texto, podemos prosseguir para outro tópico importante: a discussão de Pausânias e a *Descrição da Grécia* na historiografia.¹¹ Podemos eleger como referência para a retomada e reflorescimento dos estudos de Pausânias o historiador Christian Habicht. Sua obra *Pausanias' Guide to Ancient Greece* de 1985, possibilitou e influenciou abordagens críticas no sentido de historicizar Pausânias e a sua obra a partir de uma interpretação até mesmo “[...] apaixonada e convincente do rigor do periegeta[...]¹², em contrapartida aos enfoques detrativos com que a academia lidava a respeito de Pausânias.

Por conseguinte, a própria coletânea de artigos de Alcock, Cherry e Elsner de 2001 supracitada, publicada sob o título *Pausanias: Travel and Memory in Roman Greece*, também pode ser considerada uma referência para os estudos de Pausânias. Segundo Pretzler, “[...] os editores proclamam ‘um novo boom da virada do século’, espelhando as atividades acadêmicas em torno de 1900”¹³.

John F. Cherry declara que “o excelente livro de Habicht de 1985 marca um ponto de inflexão, em sua demonstração de que a Periēgēsis é mais confiável e muito mais sofisticada do que os ‘pausaniacos’ do final do século XIX permitiam”¹⁴.

¹¹ Para um balanço bibliográfico sobre Pausânias e a *Descrição da Grécia* em ordem cronológica, ver também: FARNELL, 1888, 1890; FRAZER, 1900; WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, 1931; PARKE, 1935; WYCHERLEY, 1935, 1959; ROCHA-PEREIRA, 1973, 1977, 1981; DILLER, 1955, 1956, 1957, 1983; HABICHT, 1984; FEHLING, 1988; ROCHA-PEREIRA, 1989; GOLDMANN, 1991; WHITTAKER, 1991; LACROIX, 1988, 1992; CASEVITZ, POUILLOUX, CHAMOUX, 1992; ALCOCK, 1995; ARAFAT, 1995; BEARZOT, 1988, 1992, 1995; AMELING, 1996; BINGEN, 1996; JONES, 1996; PIRENNE-DELFORGE, PURNELLE, 1997; HEIL, 1998; PIRENNE-DELFORGE, 1998a, 1998b; JOST, MARCADÉ, 1998; ARAFAT, 1992, 1995, 1999, 2000; BOMMELAER, 1999, 2001; JACQUEMIN, 1991, 1996, 2001; MUSTI, 1982, 1984, 1988, 1996, 2001; SUTTON, 2001; TORELLI, 2001; MOGGI, 1993, 1996, 2001, 2002; SIDEBOTTOM, 2002; SNODGRASS, 2003; STEINHARDT, 2002a, 2002b, 2003; PRETZLER, 2004, 2005a, 2005b, 2005c, 2007; AUBERGER, 1992, 1994, 2000, 2001, 2005; HUTTON, 2005a, 2005b; GAERTNER, 2006; JOST, 1973, 1998, 2007; BOMMAS, 2011; MELLORS, 2012; STEWART, 2013.

¹² Grifo nosso “[...] passionate and congenit defense of the Periegete’s accuracy [...]”. ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas; “Preface”. In: _____ (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. vii.

¹³ “[...] the editors proclaim a new turn-of-the century boom, mirroring the scholarly activities around 1900.” Optamos por deixar a tradução da sentença “a new turn-of-the century boom” entre aspas. PRETZLER, Maria. **Pausanias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 13.

¹⁴ “Habicht’s excellent 1985 book marks a turning point, in its demonstration that the Periegesis is both more trustworthy and a great deal more sophisticated than the late-nineteenth-century “Pausaniacs” allowed.” CHERRY, John F. “Travel, Nostalgia, and Pausanias’s Giant”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 254.



Habicht apresenta o panorama de como Pausânias, “[...] a quem os filólogos e historiadores do século XIX denegriram, foi reivindicado por arqueólogos e escavadores”. De acordo com o autor, Pausânias foi “[...] vítima de um saber acadêmico equivocado,” que o apresentava como um mero copista de outros autores, fazendo citações de segunda mão, em comparação a autores mais antigos. Além disso, Pausânias era tido como um mero copista de Polemo de Ílio¹⁵, reforçando a ideia de que ele teria visto pouca coisa do que de fato escreveu, logo sua descrição seria de uma Grécia cerca de três séculos mais antiga¹⁶.

Habicht expõe Ulrich von Wilamowitz, o filólogo clássico alemão, como o precursor dos “ataques” a Pausânias, de grande impacto face sua posição acadêmica na escola de literatura grega da Alemanha. Wilamowitz atraiu seguidores, como A. Kalkmann, Carl Robert e Giorgio Pasquali¹⁷.

Contudo, Habicht evidencia que, “quando as publicações de Robert e Pasquali apareceram, a maré já havia mudado em direção à revindicação de Pausânias”. Dentre os “defensores,” Habicht cita J.H.C. Schubart, H. Brunn, H. Hitzig, R. Heberdey e Eugen Petersen.¹⁸ Ressalta-se ainda a resposta de R. Schöll a Wilamowitz, em 1878, logo após a publicação de seu “ataque”¹⁹.

¹⁵ Também conhecido como Polemo de Atenas, ou Polemo Periegeta.

¹⁶ “[...] whom the philologists and historians of the nineteenth century denigrated, has been vindicated by archeologists and excavators”; “[...] victim of misguided scholarship”. HABICHT, Christian. **Pausanias’ Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 32; p. 165.

¹⁷ As obras desses autores são: WILAMOWITZ, U. von. “Die Thukydideslegende”. **Hermes** 12, p. 344-47. 1877; KALKMANN, A. **Pausanias der Perieget**, Berlin: 1886; ROBERT, Carl. **Pausanias als Schriftsteller**, Berlin: 1909; PASQUALI, Giorgio. “Die schriftstellerische Form des Pausanias”, **Hermes** 48, p. 161-213. 1913. Ver: HABICHT, Christian. **Pausanias’ Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 165; p. 166, n. 1; p. 167, n. 10 e 15; p. 168, n. 17-18.

¹⁸ “By the time Robert’s and Pasquali’s contributions appeared, the tide had already turned toward a vindication of Pausanias.” As obras desses autores são: SCHUBART, J.H.C. “Pausanias und seine Ankläger”. **Jahrbücher für Philologie**. 1883; 1884; BRUNN, H. “Pausanias und seine Ankläger”. **Fleckeisens Jahrbücher**, p. 23-30. 1884 (reprinted **KlSchr**, vol. 3, Leipzig and Berlin, p. 210-16. 1906); HITZIG, H. “Zur Pausaniasfrage’ in Festschrift des philologischen Kränzchens in Zürich zu der tagenden 39”. **Versammlung deutscher Philologen und Schulmänner**, Zürich, p. 57-96. 1887. PETERSEN, Eugen. “Pausanias der Perieget”. **RhM** 64, p. 481-538. 1909. Ver: HABICHT, Christian. **Pausanias’ Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 168, n. 19; p. 169, n. 23.

¹⁹ **Hermes** 13, p. 434-38. 1878, *apud* HABICHT, Christian. **Pausanias’ Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 166, n. 9.



Para além desses autores, é importante repararmos a menção de Habicht a respeito da reputação de Pausânias em outras notáveis áreas acadêmicas, dentre elas a arqueologia e a literatura:

[...] embora sempre tenha sido altamente considerado pelos arqueólogos, ele foi cada vez mais valorizado por eles à medida que as escavações continuavam em mais e mais lugares. Quanto aos estudiosos da literatura, no entanto, a inversão de opinião foi principalmente o resultado do aparecimento de um livro bem pesquisado e minucioso de W. Gurlitt,²⁰ cuja posição foi logo depois compartilhada (e transmitida ao mundo acadêmico de língua inglesa) por Frazer.²¹

Para além das áreas mencionadas acima, Habicht traz à tona dois campos de grande importância que demonstraram interesse em Pausânias: a Numismática e a Epigrafia. O primeiro se dá, segundo o autor, por conta do interesse de Pausânias pelas divindades veneradas por cada cidade visitada por ele, “uma vez que todos os estados gregos representaram essas figuras em suas moedas, era natural que os numismatas estivessem entre os primeiros a mostrar um interesse substancial em Pausânias”. Em relação ao segundo, Habicht revela que “Pausânias transcreveu, de fato, inúmeras inscrições, principalmente epigramas, palavra por palavra, e resumiu o conteúdo de centenas de outras”.²²

Pausânias, assim como outros autores e obras da antiguidade, foi inserido nos aparatos dos discursos e ideologias acadêmicas da era Vitoriana. John Henderson discute a questão de como

²⁰ GURLITT, W. **Über Pausanias**, Graz: 1890, *apud* HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 168, n. 21.

²¹ “[...] while he had always been highly regarded by archeologists, he was more and more valued by them as excavations continued in more and more places. As for scholars of literature, however, the reversal of opinion was mainly the result of the appearance of a well-researched and thorough book by W. Gurlitt, whose position was soon thereafter shared (and transmitted to the English-speaking scholarly world) by Frazer.” HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 166.

²² “Since all Greeks states depicted these figures on their coins, it was natural that numismatists were among the first to show a substantial interest in Pausanias.” “Pausanias has, indeed, transcribed numerous inscriptions, mainly epigrams, word for word, and he has summarized the content of hundreds of others.” Sobre a numismática ver, por exemplo: “IMHOOF-BLUMMER, F.; GARDNER, P. “A Numismatic Commentary on Pausanias”. **JHS** 6, p. 50-101. 1885; **JHS** 7, p. 57-113. 1886. **JHS** 8, p. 6-63. 1887. (new edition, edited and enlarged by OIKOMENIDES, A. N. **Ancient Coins Illustrating Lost Masterpieces of Greek Art: A Numismatic Comentary on Pausanias**, Chicago: 1964). Ver: HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 59, n. 82; p. 64-65.



A onda do século XIX estava intimamente ligada à revisão completa dos estudos clássicos. O desafio então era acomodar a surpreendente profusão de achados arqueológicos e desenvolver metodologias que considerariam o helenismo um vínculo viável entre estudos filológicos estabelecidos e uma nova história cultural fundada com segurança em vestígios materiais [...]. No despertar do Império, a teorização comparativista estava [...] lançando a Ciência (“naturalismo científico”) como conquistadora heróica da rebelião rebelde dos fenômenos caóticos [...]. Páginas aos milhares explicariam o conteúdo da civilização [...]. As origens estavam na moda: a etiologia poderia redescrever quaisquer dados, ler direito através de todas as narrativas, diga a cada informante e item exatamente onde eles pertenciam na ordem das coisas.²³

Mary Beard defende que o “entusiasmo” acadêmico do século XIX em Pausânias, dentre outros fatores, deve-se ao turismo,

ou [...] a abertura gradual da Grécia ao visitante [...] interessado em explorar em primeira mão a cultura material das terras clássicas [...] foi possível [...] percorrer os vestígios com Pausânias nas mãos, passar de construção em construção sob a sua orientação, recriar a partir do seu texto as estátuas e pinturas perdidas, bem como os rituais e histórias [...]. Esta exploração da Grécia em campo andou de mãos dadas com a invenção da Arqueologia como uma das subdisciplinas dos Clássicos nas universidades britânicas (e mais amplamente).²⁴

Beard, na passagem acima, ilustra muito bem aquilo que Pretzler expressa como o impacto cultural da redescoberta de Pausânias no Renascimento, através da qual

²³ “The nineteenth-century surge was intimately bound up with thoroughgoing revision of classical studies. The challenge then was to accommodate the astonishing profusion of archaeological finds and to evolve methodologies that would think Hellenism into a viable bond between established philological scholarship and a new cultural history securely founded on material remains. [...] In the wake of Empire, comparativist theorizing was [...] casting Science (“scientific naturalism”) as heroic conqueror of the unruly riot of chaotic phenomena [...]. Pages by the thousand would explain civilization’s contents [...]. Origins were all the rage: aetiology could redescribe any data, read right through all narratives, tell every informant and item just where they belonged in the order of things”. HENDERSON, John. “Farnell’s Cults: The Making and Breaking of Pausanias in Victorian Archaeology and Anthropology”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 207-208.

²⁴ “or [...] the gradual opening up of Greece to the [...] visitor, keen to explore the material culture of Classical lands firsthand [...] it was possible [...] to tour the remains with Pausanias in hand, to move from building to building under his guidance, to re-create from his text the lost statues and paintings, as well as the rituals and stories [...]. This exploration of Greece on the ground went hand-in-hand with the invention of Archaeology as one of the subdisciplines of Classics in British universities (and more widely)”. BEARD, Mary. “Pausanias in Petticoats’ or The Blue Jane”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 226-227.



A *Periēgēsis* não moldou apenas olhares da Grécia, da antiga e moderna, mas também influenciou as atitudes em relação à arte antiga e à topografia histórica e [...] teve um impacto na escrita de viagens e nos guias de viagens "culturais" modernos.²⁵

Como temos visto, Pretzler insiste no impacto da redescoberta da obra de Pausânias desde a Renascença, a qual “[...] foi reconhecida como uma fonte valiosa para a Grécia antiga, uma mina de informações antigas, históricas e topográficas para vários fins”²⁶. Paul Cartledge vai ao encontro do postulado por Habicht sobre a importância de Pausânias. No tocante aos debates envolvendo a recepção e leitura da Descrição da Grécia na sua própria época (séc. II d.C.) junto à Segunda Sofística, afirma que “Não há dúvida, [...] se Pausânias é muito lido agora, pelo menos dentro da comunidade acadêmica que se preocupa com essas coisas”²⁷. Com isso, podemos expor a afirmativa de Habicht de que “hoje, Pausânias foi inocentado de todas as acusações expressadas por Wilamowitz e seus seguidores”²⁸.

Desse modo, o caminho deste nosso tratamento busca seguir aquilo que Pretzler manifesta como dificuldade “[...] em obter uma visão geral e acompanhar as passagens que podem se combinar para dar uma visão mais completa das opiniões e abordagem do autor”²⁹.

Inserida nessa dificuldade de conduta no tocante à visão geral da obra, há o debate a respeito de qual gênero a *Descrição da Grécia* pode ser inserida e classificada. Francisco propõe o questionamento de que “é preciso, com

²⁵ Grifo da autora. “The Periēgēsis has not just shaped views of Greece, ancient and modern, but it has also influenced attitudes to ancient art and historical topography, and, last but not least, it has had an impact on travel writing and modern ‘cultural’ travel guides”. PRETZLER, Maria. **Pausânias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 3.

²⁶ “[...] has been recognised as a valuable source for ancient Greece, a mine of antiquarian, historical and topographical information for various purposes”. PRETZLER, Maria. **Pausânias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 11.

²⁷ “There is no questioning, [...] whether Pausanias is much read now, at least within the scholarly community that cares about such things”. CARTLEDGE, Paul. “Sparta’s Pausanias: Another Laconian Past”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas (Eds.). *Pausanias: travel and Memory in Roman Greece*. New York: Oxford University Press, 2001, p. 168.

²⁸ “Today, Pausanias has been vindicated of all charges expressed by wilamowitz and his followers”. HABICHT, Christian. **Pausânias’ Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 169.

²⁹ “[...] to gain an overview and to keep track of passages that might combine to give a more complete view of the author’s opinions and approach”. PRETZLER, Maria. **Pausânias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 2.



isso, considerar a fragilidade de proposições muito taxativas sobre a *Periēgēsis* e seu autor”³⁰. É no teor desta abordagem que podemos discutir sobre o gênero da obra.

Francisco discute as abordagens a respeito do diálogo de Pausânias com historiadores:

De um lado, o historiador mais citado por Pausânias é Heródoto, reforçando a ideia [...] que este seria o seu principal interlocutor no campo da história, inclusive no tocante ao estilo; o que promoveu, em interpretações desde o século XIX, a caracterização de Pausânias como um imitador e estudioso de Heródoto; e, mais recentemente, como criador de uma obra cheia de “herodotismos”: uma *mimesis* herodoteana. Por outro lado, quanto a Tucídides e Xenofonte, por exemplo, há apenas uma citação para cada um deles na *Periēgēsis*, entretanto, parece ter havido um aproveitamento maior sem apresentação explícita de seus autores.³¹

Porém, como o autor aponta, além daquilo que já discutimos acima, os elementos presentes na obra que caracterizam Pausânias como historiador são apenas uma fração do seu conteúdo, pois se utiliza do que podemos chamar de gênero *Periēgēsis*. Nota-se, com isso, que “[...] se de um lado, Pausânias é caracterizado como historiador com certa facilidade; de outro, a *Periēgēsis* não é comumente considerada uma obra de história”³². Para Pretzler,

³⁰ FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 290.

³¹ Grifo do autor. Francisco cita o levantamento de Frazer a respeito das referências a historiadores em Pausânias: “[...] Anaximenes, Atíoco de Siracusa, Caronte de Lâmpsaco, Ctésias, Hecateu, Helânico, Jerônimo de Cárdia, Míron de Priene, Filisto, Políbio e Teopompo. Outras referências notadas são às obras ligadas a histórias locais como as histórias da Ática de Andrócio e Clitodemo, a história de Corinto de Eumelo, a história de Orcomeno de Calipo e a história de Argos de Licéia (FRAZER, James George. “Introduction”. In: **Pausanias’s description of Greece**. vol. 1. Translation. New York: Cambridge University Press, 2012, p. lxxiv, *apud* FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 291, n. 26)”. KÖNIG, Jason. **Athletics and literature in the Roman Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 188, n. 104; FRAZER, James George. “Introduction”. In: **Pausanias’s description of Greece**. vol. 1. Translation. New York: Cambridge University Press, 2012, p. lxxiii, n. 17; HUTTON, William. **Describing Greece: landscape and literature in the Periēgēsis of Pausanias**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 248, *apud* FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 290.

³² Grifo do autor. FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 292.



Os relatos históricos de Pausânias [...] também atraíram críticas justificadas pois existem inúmeros erros factuais que ele deveria ter sido capaz de evitar consultando as fontes literárias disponíveis na época. Algumas dessas passagens problemáticas podem ser entendidas no contexto de seus objetivos, seu uso de fontes locais e sua disposição para incluir detalhes que diferiam do que poderia ser encontrado em obras literárias conhecidas.³³

Junto a isso também podemos compreender a crítica envolvendo a *Descrição da Grécia* junto à história. Ora, mas assim como propõe o título atribuído à Estevão de Bizâncio, podemos então classificá-la como *Periēgēsis*? Se sim, como podemos classificar o próprio gênero *Periēgēsis*? Antes de qualquer tentativa de definição, há a necessidade de nos voltarmos ao próprio Pausânias. O autor deixa claro seu intuito logo no Livro I. Após mencionar as dedicações de Átalo I ao sul da Acrópole de Atenas (1.25.2)³⁴, Pausânias indica uma dedicação à Olimpíodoro e relata que “[...] o desastre de Queroneia³⁵ foi o início da desgraça para todos os gregos e, especialmente, escravizou aqueles que estavam cegos para o perigo e tinham ficado do lado da Macedônia” (1.25.2;1.25.3).

A partir daí, inicia uma extensa digressão dos conflitos entre atenienses e macedônios desde a batalha da Queroneia até a libertação de Atenas, liderada por Olimpíodoro³⁶, uma dentre suas muitas façanhas (1.26.3). Ao indicar a mudança na sua narrativa – *dos lógoi para os theorémata* – faz a seguinte afirmação: “*mas minha narrativa deve continuar, pois minha tarefa é uma descrição geral de todas as coisas da Grécia*” (1.26.4)³⁷. Tal declaração de Pausânias parece ir ao

³³ “Pausanias’ historical accounts [...] have also attracted justified criticism because there are numerous factual errors which he should have been able to avoid by consulting the literary sources available at the time. Some of these problematic passages can be understood in the context of his aims, his use of local sources and his willingness to include details that differed from what could be found in well-known literary works”. PRETZLER, Maria. **Pausanias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 80.

³⁴ As citações da *‘Descrição da Grécia’* de Pausânias apresentam traduções livres a partir das seguintes edições: PAUSANIAS. **Description of Greece**. Translated by Jones, W. H. S. and Omerod, H. A. Loeb Classical Library Volumes (em cinco volumes). Cambridge: Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1-2: 1918; 3-5: 1926; 6-8.21: 1933 e 8.22-10: 1935; PAUSANIAS. **Pausanias's Description of Greece**, translated with a commentary by J.G. Frazer (em seis volumes). New York: The Macmillan Company, 1898.

³⁵ “338 a.C.”. Nota do editor. PAUSANIAS. **Description of Greece**. Translated by Jones, W. H. S. and Omerod, H. A. Loeb Classical Library, vol 1. Cambridge: Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1-2: 1918, p. 127.

³⁶ “288 a.C.”. Nota do editor. PAUSANIAS. **Description of Greece**. Translated by Jones, W. H. S. and Omerod, H. A. Loeb Classical Library, vol 1. Cambridge: Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1-2: 1918, p.133).

³⁷ Grifo nosso.



encontro da indicação de Glen W. Bowersock, citada por Francisco, a qual “Pausânias não era um historiador, mitólogo ou etnógrafo, nem pretendia ser, embora ele se deslocasse confortavelmente nos domínios de tais escritores. Um periegeta era um antiquário com interesses amplos”³⁸. De acordo com Pretzler,

A palavra *periēgēsis* está relacionada ao verbo *periēgeisthai*, que significa "conduzir", "mostrar ao redor". Este parece um título adequado para a obra de Pausânias, que busca levar o leitor a uma viagem imaginária, descrevendo tudo ao longo do caminho que ele considera digno de ser visto e registrado.³⁹

Contudo, ao mencionar a existência de outras obras clássicas com o título *Periēgēsis*, ressalta que “[...] apenas fragmentos estão preservados, e sua forma e conteúdo são frequentemente reconstruídos usando Pausânias, o que torna difícil tirar conclusões sobre possíveis convenções de gênero, se é que havia de fato um gênero *periēgēsis*”⁴⁰. Segundo Habicht “exceto para Pausânias, nada daquela outrora extensa literatura periegetica sobreviveu a não ser fragmentos na forma de citações, nomes de vários autores, e um número de títulos”⁴¹. Em síntese, concordamos com Francisco ao defender que

Pausânias era um periegeta com aptidões múltiplas, entre elas a abordagem histórica. Mais que um simples viajante, o periegeta

³⁸ Tradução do autor: “Pausanias was not a historian, mythologist ou ethnographer; nor did he claim to be, although he moved comfortably in the domains of such writers. A periegete was an antiquarian with broad interests”. BOWERSOCK, G. W. “Pausanias”. In: EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. **The Cambridge History of Classical Literature**, vol. 1, Greek Literature. New York: Cambridge University Press, 1985, p. 710, *apud* FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 291.

³⁹ Grifos da autora. “The word *periēgēsis* is related to the verb *periēgeisthai*, which means ‘to lead around’, ‘to show around’. This seems a fitting title for Pausanias’ work, which seeks to take the reader on an imaginary tour, describing everything along the way that he considers worth seeing and recording”. PRETZLER, Maria. **Pausanias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 3.

⁴⁰ Grifo da autora. “[...] only fragments are preserved, and their form and content is often reconstructed by using Pausanias, which makes it difficult to draw conclusions about possible genre conventions, if there was indeed a *periēgēsis* genre”. PRETZLER, Maria. **Pausanias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 3.

⁴¹ “Except for Pausanias, nothing from a once large periegetic literature has survived but fragments in the form of quotations, names of various authors, and a number of titles.” Habicht menciona autores periegeticos como “Polemio de Troia (II d.C); Heliodoro o ateniense e Telefo de Pérgamo.” Aponta ainda os títulos comuns como: “‘Descrição da Acrópole de Atenas,’ ‘Descrição de Troia,’ ‘Descrição de Siracusa,’ ‘Descrição da colunata pintada em Sicião,’ ‘Descrição dos tesouros de Delfos’ e por fim a ‘Descrição do Augusteum em Pérgamo’”. HABICHT, Christian. **Pausanias’ Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 3.



tinha um projeto descritivo dos lugares por onde circulava, cuja base não era apenas traçar aspectos topográficos, mas também articulá-los a elementos míticos e históricos.⁴²

Vimos a respeito do processo de recepção e historiografia da *Descrição da Grécia*. Antes de aprofundarmos assuntos fundamentais da fonte, como a questão da autoria e composição da obra (Pausânias?), bem como da própria cronologia e figura do autor, há a necessidade de apresentarmos os seus elementos textuais no intuito dos leitores e leitoras irem se habituando com a fonte e as temáticas de abordagem da mesma.

Autores apontam como elementos da estrutura do texto, os chamados *lógoi* e *theorémata*. Maria Pretzler demonstra que o termo *lógoi* é por vezes traduzido como “digressão”. A autora destaca a sugestão do termo como característico de

[...] uma certa falta de disciplina ou vontade de se ater ao assunto principal, mas para Pausânias, os *lógoi* são claramente uma parte tão importante de sua obra quanto as passagens descritivas. Eles fornecem informações sobre mitos ou história, costumes locais e comparações do mundo grego e além, e oferecem comentários eruditos sobre uma variedade de assuntos, sejam eles literários, culturais ou científicos no sentido mais amplo.⁴³

Em sua tradução da passagem de Pausânias que elucida tais elementos, Pretzler traduz *lógoi* como *tradições (traditions)*. Com isso, podemos compreender como os *lógoi* são “tradições” organizadas em discursos. Em contrapartida, não aprofunda a definição de *theorémata*, apenas faz a sua tradução, na mesma passagem, como paisagens (*sights*)⁴⁴. No trecho da Livro I da *Descrição da Grécia*, ao deixar Atenas, Pausânias relata: “Essas são, em minha opinião, as *tradições (lógoi)* e *paisagens (theorémata)* mais famosas entre os atenienses, e desde o início minha narrativa selecionou, de muitas coisas, as que

⁴² FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 292.

⁴³ Grifo da autora. “[...] a certain lack of discipline or will to stick to the main subject, but for Pausanias, the *lógoi* are clearly as important a part of his work as the descriptive passages. They provide information about myth or history, local customs and comparisons from the Greek world and beyond, and they offer learned comments on a variety of subjects, be they literary, cultural or in the widest sense scientific”. PRETZLER, Maria. **Pausanias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 10.

⁴⁴ PRETZLER, Maria. **Pausanias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 10.



merecem ser registradas” (1.39.3)⁴⁵. Ulpiano Bezerra de Meneses também demonstra os dois elementos presentes na Descrição da Grécia. Segundo o autor,

No binômio *lógoi* e *theorémata*, que muitos comentaristas exploraram, o logocentrismo termina, praticamente, por transubstanciar as coisas visíveis. Alguns comentaristas, como Elsner (1992, p. 12), procuram ressaltar a importância da experiência visual de Pausânias.⁴⁶

Podemos perceber, com isso, a característica de percepção visual do termo e de que modo sua definição como paisagens vai ao seu encontro.

Quem aprofunda a discussão dos dois elementos e nos dá uma proposta para além de *lógoi* e *theorémata* como elemento textual presente na *Descrição da Grécia* é Johanna Akurjärvi. Para a autora, *lógoi*, normalmente traduzido como *digressões (digressions)*, tem em *estórias (stories)* ou *tradições (traditions)*, traduções mais apropriadas. O que vai ao encontro do que foi postulado por Pretzler e pela tradução de Frazer. Já *theorémata*, traduzido como *paisagens (sights)*, a autora os define como sendo “descrições de monumentos, com uma predileção por objetos religiosos e antigos”⁴⁷.

Como parte de sua ideia de definição de *elemento narratológico (narratological element)*, Akurjärvi dá a distinção entre o elemento *lógoi* e o *lógos* como o *Eu narrador* da *Descrição da Grécia*. Sua proposta consiste em “reconsiderar a visão de que a ordem topográfica dos monumentos, os *theorémata*, nas paisagens fornecem à obra sua estrutura organizacional. Em vez disso, propomos que o Ego como narrador e o *lógos* são os agentes que governam a *Periegesis*”⁴⁸. Com isso, a autora propõe um novo modelo através do qual o

⁴⁵ Tradução livre a partir de Pretzler: “These are in my opinion the most famous of the traditions (*lógoi*) and sights (*theorémata*) of the Athenians, and from the beginning my account has selected from much material what is worth recording”. Grifos da autora. PRETZLER, Maria. **Pausânias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 10.

⁴⁶ Grifos do autor. MENESES, Ulpiano Bezerra de. “Ainda a arca de Cípselo: Pausânias, tradições literárias e o ‘patrimônio cultural’”. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; CERQUEIRA, Fábio Vergara; FUNARI, Pedro Paulo A (Ed.). **Arqueologia do mediterrâneo antigo. Estudos em homenagem a Haiganuch Sarian**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: FAPESP: SBEC, Campo Grande: Life Editora, 2011. p. 239-240.

⁴⁷ “[...] are descriptions of monuments, with a predilection for religious and ancient objects”. AKUJÄRVI, Johanna. *Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias’ Periegesis*. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005, p. 6.

⁴⁸ Grifo nosso. Tradução livre: “[...] reconsider the view that the topographical order of the monuments, the θεωρήματα, in the landscape provides the work with its organisatory backbone.



Ego é o “Eu” do autor/narrador na *Periegesis*, ocasionalmente também um personagem que o narrador pode designar com um pronome de primeira pessoa; o *lógos* é a própria narrativa periegética, a ser distinguida dos *lógoi*, as histórias incorporadas na *narrativa em moldura*. Tanto o Ego quanto o *lógos* funcionam dentro da *narrativa em moldura*.⁴⁹

Ao comentar a respeito da passagem de Pausânias citada acima (1.39.3),⁵⁰ Akurjärvi ilustra como

o narrador apresenta uma opinião sobre o material como originário do Ego e a seleção do material como tendo sido feito por ho *lógos moi*, ‘minha narrativa’. [...] o manuseio e a inclusão de *theorémata* e *lógoi* são apresentados como estando à mercê do Ego e de *ho lógos moi*.⁵¹

A autora apresenta o *lógos* como o fio condutor da *Descrição da Grécia*. Akurjärvi expõe que apesar de, ao longo da obra, a ordem em que Pausânias menciona os monumentos ser normalmente topográfica,

Em várias passagens, a ordem topográfica é abandonada e os monumentos que têm algo em comum são simplesmente enumerados sem nenhuma consideração à sua localização. Essa enumeração por categorias é a exceção ao invés da regra, mas as instâncias são dignas de nota.⁵²

Instead, we propose that Ego as narrator and the *lóγος* are the agents governing the *Periegesis*.” AKUJÄRVI, Johanna. **Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias’ Periegesis**. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005, p. 5-6.

⁴⁹ Optamos por traduzir o termo *frame narrative* como *narrativa em moldura*, uma técnica narrativa que consiste em inserir na narrativa, uma outra narrativa. *Periegesis*: grifo da autora. Demais são grifos nossos: “Ego is the ‘I’ of the author/narrator in the *Periegesis*, occasionally also a character whom the narrator may designate with a first person pronoun; the *lóγος* is the periegetic narrative itself, to be distinguished from the *lógoi*, the stories embedded in the frame narrative. Both Ego and the *lóγος* work within the frame narrative”. AKUJÄRVI, Johanna. **Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias’ Periegesis**. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005, p. 5-6.

⁵⁰ Nota-se que a Akurjärvi também traduz *lógoi* como *tradições*, assim como Frazer e Pretzler. Diferente de Jones que traduz como *lendas*. Vide acima.

⁵¹ Grifos nossos. “The narrator presents an opinion about the material as originating from Ego and the selection of the material as having ultimately been made by *ó λόγος μοι*, ‘my narrative.’ [...] the handling and inclusion of both *θεωρήματα* and *λόγοι* are presented as being at the mercy of Ego and *ó λόγος μοι*”. AKUJÄRVI, Johanna. **Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias’ Periegesis**. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005, p. 6.

⁵² “In a number of passages, the topographical order is abandoned and monuments that have something in common are simply enumerated without any regard to their location. Such enumeration by categories is the exception rather than the rule, but the instances are worth noticing”. AKUJÄRVI, Johanna. **Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias’ Periegesis**. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005, p. 7.



Como demonstrado pela própria autora, o exemplo mais esclarecedor desse procedimento narrativo do *lógos* como o *Eu narrador* é a descrição de Pausânias dos monumentos em Olímpia presente no Livro V sobre a região de Élis. Pausânias introduz a descrição dos altares em Olímpia de um modo bem interessante, indicando um elemento classificatório como ordem de descrição, e não de ordem topográfica, como ressalta Akurjärvi⁵³. Veremos tal passagem de Pausânias para que o leitor também vá se ambientando junto à fonte. É o início da descrição dos altares:

Minha narrativa seguirá [...] a ordem em que os eleanos costumam sacrificar nos altares. Eles sacrificam primeiro a Héstia, em segundo lugar a Zeus Olímpico [...], em terceiro lugar a Zeus Laoetas e a Posídon Laoetas [...]. Em quarto e quinto lugar, eles sacrificam a Ártemis e a Atena [...], em sexto lugar para a deusa trabalhadora (5.14.4; 5.14.5).

Esse é um exemplo claro de como, na perspectiva da autora, o *lógos* como *Eu narrador* se sobrepõe aos *lógoi* e aos *theorémata*. Pausânias explicitamente demonstra, a partir de uma classificação lógica, o modo pelo qual sua descrição irá seguir. Akurjärvi indica “outras passagens pelas quais a enumeração de acordo com categorias sobrepõem a enumeração de monumentos de acordo com uma ordem topográfica”⁵⁴.

De modo semelhante à passagem acima, em 5.21.1 Pausânias direciona e seleciona aquilo que irá descrever. Aparentemente tais trechos reforçam o postulado por Akurjärvi, pelo qual “argumentamos que principalmente a causa ativa é o Ego, mas ocasionalmente o *lógos* ou o Ego e o *lógos*, visto que parecem estar trabalhando de várias maneiras para produzir a *Periegesis*”⁵⁵.

Contudo, há a necessidade de se fazer uma ressalva à ideia de sobreposição do *lógos* como *Eu narrador* aos *lógoi* e aos *theorémata*, defendida pela autora.

⁵³ AKUJÄRVI, Johanna. **Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias' Periegesis**. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005, p. 8.

⁵⁴ AKUJÄRVI, Johanna. **Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias' Periegesis**. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005, p. 8.

⁵⁵ Grifos nossos. “We argue that mostly the active cause is Ego, but occasionally the *lóγος* or both Ego and the *lóγος*, as they appear to be working in various ways to produce the *Periegesis*”. AKUJÄRVI, Johanna. **Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias' Periegesis**. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005, p. 8.



Jaś Elsner defende as leituras e interpretações da *Descrição da Grécia* em sua totalidade,

Apesar das leituras modernas, que se concentram em áreas específicas de interesse moderno e, portanto, rompem a integridade do texto [...], a gama de interesses na *Periegesis* não podem realmente ser separados. Juntos (como um todo sem costura) eles constituem aquela entidade imaginativa peculiar que é a Grécia de Pausânias.⁵⁶

Elsner sustenta que as percepções que temos de Pausânias são “fortemente influenciadas pela sua própria estruturação do texto, as quais estão longe de serem inocentes”. Com isso “é difícil resistir à conclusão que que a *Periegesis* não só é cuidadosamente estruturada, mas que foi feita por um propósito”⁵⁷. O propósito foi a construção de um gênero literário “que combina tradições periegeticas antigas de descrições locais com viagens e considerações de peregrinação”. Tal gênero deve muito ao modelo que permeia desde Heródoto, o mundo helenístico, Estrabão e o desenvolvimento Imperial sob Augusto e Agripa⁵⁸. Elsner defende que a estrutura do texto cumpre um duplo propósito. O primeiro é levar o leitor em uma jornada através das próprias pegadas do autor, seguindo os caminhos que percorreu e os lugares que avistou. O segundo é fazê-lo na mesma ordem em que o autor viajou⁵⁹.

No sentido do posicionamento de Pausânias como viajante, Elsner aproxima a *Descrição da Grécia* com o Livro IV de Heródoto na representação

⁵⁶ Grifo do autor. “Despite modern readings, which focus on specific areas of modern concern and hence rupture the integrity of the text, the range of interests in the *Periegesis* cannot really be separated. Together (as a seamless whole) they constitute that peculiar imaginative entity which is Pausanias’s Greece”. ELSNER, Jaś. “Structuring ‘Greece’: Pausanias’s *Periegesis* as a Literary Construct”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; _____. (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 7.

⁵⁷ Grifos do autor. “[...] are strongly influenced by his own structuring of the text, which is in itself far from innocent or naive.” “[...] make it hard to resist the conclusion that the *Periegesis* not only is carefully structured but was so for a purpose”. ELSNER, Jaś. “Structuring ‘Greece’: Pausanias’s *Periegesis* as a Literary Construct”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; _____. (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 7.

⁵⁸ “which combines ancient periegetic traditions of local description with travel and pilgrimage accounts”. ELSNER, Jaś. “Structuring ‘Greece’: Pausanias’s *Periegesis* as a Literary Construct”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; _____. (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 7-8.

⁵⁹ ELSNER, Jaś. “Structuring ‘Greece’: Pausanias’s *Periegesis* as a Literary Construct”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; _____. (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 4.



do Outro, sendo as descrições de Pausânias testemunhas desse Outro, ele próprio como estrangeiro, um grego da Ásia Menor: “Assim, como o Livro IV de Heródoto e Dos Canibais de Montaigne, a *Periegesis* de Pausânias se constrói dentro do que Certeau chama de ‘tradição heterológica em que o discurso sobre o outro é um meio de construção de um discurso autorizado pelo outro’”⁶⁰.

Ao trazer elementos tanto do debate em considerar Pausânias como um peregrino⁶¹, quanto de considerar a obra como um guia de viagens, Elsner aprofunda ainda mais a questão da importância espacial contida na *Descrição da Grécia*. Ou seja, ao invés de descartarmos o argumento de Akurjärvi da sobreposição do *lógos* como *Eu narrador* aos *lógoi* e aos *theorémata*, podemos fazer a defesa de que as sobreposições do *lógos* contidas na obra são, primeiramente, de natureza espacial. Pausânias sobrepõe o Eu narrador baseado naquilo que vê e quer descrever naquele momento da narrativa.⁶²

A partir da exposição dos principais elementos textuais que permeiam a *Descrição da Grécia*, podemos partir para a discussão da questão cronológica e da composição da obra, necessária para um esforço tanto de compreensão quanto de desnaturalização da mesma.

Primeiramente, podemos nos questionar sobre a composição dos dez Livros da *Descrição da Grécia*, já que Francisco nos elucida a falta de consenso entre os que defendem a integralidade do texto⁶³ e os que defendem haver nele

⁶⁰ Grifo do autor: “Hence, like Herodotus’s Book IV and Montaigne’s Of Cannibals, Pausanias’s *Periegesis* constructs itself within what de Certeau calls the “heterological tradition, in which the discourse about the other is a means of constructing a discourse authorized by the other”. CERTEAU, Michel de. “Montaigne’s ‘Of Cannibals’: The Savage ‘I.’” In: **Heterologies: Discourse on the Other**, translated by Brian Massumi, Theory and History of Literature 17. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986, p. 68, *apud* ELSNER, Jaś. “Structuring ‘Greece’: Pausanias’s *Periegesis* as a Literary Construct”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; _____. (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 5.

⁶¹ Elsner aponta o balanço historiográfico do debate a respeito do caráter peregrino da *Descrição da Grécia*. Para consulta dos autores tanto a favor quanto os contrários a tal abordagem ver: ELSNER, Jaś. “Structuring ‘Greece’: Pausanias’s *Periegesis* as a Literary Construct”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; _____. (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 263, n. 17.

⁶² Agradeço ao Prof. Dr. Fábio Augusto Morales por trazer à tona essa questão da natureza espacial na interferência da narrativa presente na discussão de Elsner, e aos apontamentos no tocante ao postulado proposto por Akurjärvi.

⁶³ PRETZLER, Maria. **Pausanias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2013, p. 6, *apud* FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 286.



ausências⁶⁴. A respeito desse horizonte aberto no tocante à produção da *Descrição da Grécia*, Christian Habicht ilustra de um modo categórico tais discussões levantadas por Francisco. Segundo o autor

A própria “Descrição da Grécia” é nossa única fonte de informação sobre seu autor. [...] Não há, infelizmente, nem preâmbulo ou epílogo; o escriba nunca menciona seu nome ou o nome de seu pai ou sua cidade de nascimento. É apenas Estêvão (de Bizâncio) quem diz que o nome do autor é Pausânias, e nós apenas podemos ter a esperança de que Estêvão chegou a isso corretamente.⁶⁵

Francisco nos expõe que, além de não haver um consenso se o título da obra é criação do autor da obra ou do próprio Estêvão de Bizâncio, a sua datação, c. 155 – 180 d. C, baseia-se em referências cronológicas presentes no texto⁶⁶. Quais referências são essas? De acordo com Ewen Bowie citado por Francisco, o próprio autor menciona que terminou o Livro I antes da construção do Odeão de Herodes Ático em Atenas c. 160 d.C. (7.20.6). Ou seja, provavelmente de acordo com Bowie, os Livros I e II devem ter sido compostos em torno desta data (160 d.C.)⁶⁷.

Bowie defende a data final da composição da *Descrição da Grécia* em torno de 180 d.C., pois, após essa data, argumenta que Pausânias não faz menção ao governo solo de Cômodo depois de ter notado a sucessão de Antonino Pio por Marco Aurélio, o que ajuda a entender a cronologia do fim da obra. Bowie aponta ainda a diferença de abordagem entre Antonino e Marco Aurélio, defendendo tal

⁶⁴ WILSON, Nigel. **Encyclopedia of ancient Greece**. New York; London: Routledge, 2013, p. 543, *apud* FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 286.

⁶⁵ “The ‘Description of Greece’ itself is our only source of information about its author. [...] There is, alas, neither prooemium nor epilogue; the writer never mentions his name or his father’s name or his city of birth. It is Stephanus alone who says the author’s name is Pausanias, and we can only hope that Stephanus got this right”. HABICHT, Christian. **Pausanias’ Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 9.

⁶⁶ FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 287.

⁶⁷ BOWIE, Ewen L. “Inspiration and Aspiration. Date, Genre and Readership”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas. **Pausanias: travel and memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 21, *apud* FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 287.



mudança como referência ao imperador já falecido e aquele que se encontra em vida, respectivamente⁶⁸.

Habicht menciona, como referências para a datação e periodização da *Descrição da Grécia*, a passagem 5.1.2, a qual estabelece a data de 217 anos após Júlio César refundar a cidade de Corinto como colônia romana, destruída em 146 a.C. Sabe-se, segundo Habicht, que a cidade foi refundada em 44 a.C., logo, a passagem foi escrita em 174 d.C., durante o reinado de Marco Aurélio⁶⁹.

Outra datação citada por Habicht é na passagem 8.43.6, na qual Pausânias recorda a vitória de Marco Aurélio sobre os germânicos, datada em 175 d.C.⁷⁰ Com isso, Habicht afirma que apesar da passagem poder ter sido escrita alguns anos depois de 175 d.C., dificilmente foi escrita após 180 d.C., já que Marco Aurélio é o último imperador mencionado por Pausânias, indo ao encontro do postulado por Bowie. Por mencionar a invasão bárbara feita pelos Costoboci à Grécia c. 170-171 d.C., Habicht conclui que Pausânias ainda estava escrevendo em fins dos anos 170 d.C e com isso termina os seus escritos entre 175 e 180 d.C.⁷¹.

Já sobre a periodização inicial relativa à *Descrição da Grécia*, Habicht menciona não haver tanta clareza quando Pausânias começou a escrever. Aponta uma menção feita a um senador romano (2.27.6), Antonino, benfeitor (evergeta) do santuário de Asclépio em Epidauro. Sobre esse senador, acreditava-se ser uma referência ao futuro imperador Antonino Pio, que ascendeu ao trono em 138 d.C., porém as inscrições em Epidauro apontam para o senador Sextus Julius Maior Antoninus Pythodorus, em ação nos anos 160 d.C.⁷².

De acordo com Habicht, Pausânias menciona duas construções capazes de propiciar uma referência temporal à sua escrita. A primeira é um templo de Asclépio em Esmirna (2.26.9 e 7.5.9), onde afirma ter sido construído em seu

⁶⁸ BOWIE, Ewen L. "Inspiration and Aspiration. Date, Genre and Readership". In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas. **Pausanias: travel and memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 22.

⁶⁹ HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 9.

⁷⁰ KNEISSL, Peter. **Die Siegestitulatur der römischen Kaiser**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1969, p. 107, *apud* HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p.9.

⁷¹ HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 9-10.

⁷² HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 10.



tempo. Sabe-se que o templo estava sendo construído em 151 d.C., de acordo com a informação extraída de Élio Aristides (*Orationes*. 50.102, 47.17). A segunda é o fascinante teatro de Herodes Ático na acrópole de Atenas. Habicht cita trechos da passagem 7.20.6 através das quais Pausânias demonstra que não havia mencionado tal construção no Livro I sobre a Ática, pois Herodes ainda não havia iniciado sua construção⁷³: “O Odeão [...] foi construído por Herodes [...] em memória de sua esposa. A razão pela qual deixei de mencionar este Odeão em minha história da Ática é que meu relato sobre os atenienses foi concluído antes de Herodes iniciar a sua construção” (7.20.6).⁷⁴

Habicht cruza a informação da esposa de Herodes mencionada por Pausânias, Regila, com inscrições que apontam para sua morte em c. 160-161 d.C. Dessa maneira, e também pela menção final do trecho de Pausânias, Habicht defende que o periegeta começou sua escrita c. 155 d.C. Ou seja, sua obra levou em torno de vinte anos para ser concluída⁷⁵.

Outro indício da produção da obra de Pausânias ao longo dos anos 160 d.C., trazido por Habicht, diz respeito a uma passagem do Livro VI (Élis – II) sobre os Jogos Olímpicos, referindo-se à estátua de um lutador (6.8.4). No episódio narrado, ele afirma que o lutador teria ateado fogo nele mesmo depois de ter perdido sua força.

Apesar de Pausânias mencionar expressamente o nome do campeão, Timantes de Cleonas, Habicht refuta a afirmação pelo fato do incidente ter ocorrido no século V a.C., defendendo que o fato ocorreu em 165 d.C., um famoso episódio dos jogos: um filósofo cínico Peregrino Proteu se jogou em uma pira em chamas em frente a multidão, como ele próprio havia anunciado.

Ora, embora Habicht se embasar ainda em outros autores e reiterar sua proposição “uma vez que o incidente em questão pertenceu ao quinto século a.C.,

⁷³ HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 10.

⁷⁴ Habicht cita os dois seguintes trechos: “It was built by the Athenian Herodes in memory of his deceased wife”; “In my book on Attica this Music Hall (Odeon) is not mentioned, because my description of Attica was finished before Herodes began to build the hall.” HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 9-10.

⁷⁵ Para a periodização citada por Habicht, consultar: FRAZER, J.G. “Introduction”. In: **Pausanias's Description of Greece**, translated with a commentary by J.G. Frazer, 1 vol. New York: The Macmillan Company, 1898, p. xv-xix. HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 11.



a frase alude indubitavelmente para um evento mais recente [...]”⁷⁶, ou seja, o de Peregrino Proteu. Defendemos que tal argumentação é frágil, justamente pelo fato da *Descrição da Grécia* constantemente apresentar referências ao período clássico em questão, bem como evocações de memória e estórias que remetem a tradições (*lógoi*) presentes na *memória cultural* grega.

Por fim, Habicht aponta uma menção de Pausânias ao companheiro favorito do imperador Adriano, Antínoo (8.9.7), afirmando que nunca o viu em carne e osso, apenas em imagens. Habicht defende que Pausânias parece deixar implícito que já possuía idade para tê-lo visto de perto na época de sua morte, quando se afogou no Nilo em 130 d.C. Por tais fatores elencados por Habicht, é comumente aceita a data de 115 d.C. para um suposto nascimento de Pausânias⁷⁷.

Cabe expormos ainda a questão das referências cruzadas ao longo da *Descrição da Grécia*, no sentido de estabelecer uma ordem de escrita para o texto, segundo estudos sobre referências e menções a outros Livros dentro da própria obra.

Habicht defende que o Livro I foi escrito primeiro, indo ao encontro de Ewen Bowie, como já mencionado acima⁷⁸. Habicht aponta como evidências as passagens de todos os outros Livros que contêm referências ao Livro I, todas elas no pretérito⁷⁹.

Akurjärvi constata 155 referências cruzadas na *Descrição da Grécia*. Dessas, a autora aponta que “103 remetem o leitor de volta às referências anteriores, lembrando-o de informações já prestadas; 52 encaminham o leitor para as próximas referências”⁸⁰.

⁷⁶ HABICHT, Christian. **Pausanias’ Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 11.

⁷⁷ HABICHT, Christian. **Pausanias’ Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 12.

⁷⁸ BOWIE, Ewen L. “Inspiration and Aspiration. Date, Genre and Readership”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas. **Pausanias: travel and memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 21.

⁷⁹ Habicht aponta as seguintes passagens: Livro II: 19.8, 21.4, 23.6 32.3; Livro III: 11.1, 17.3; Livro IV: 28.3, 35.4; Livro V: 10.4; Livro VI: 14.9, 20.14, 26.2; Livro VII: 3.4, 7.7, 20.6; Livro VIII: 5.1, 9.8 (cf. 1.3.4); Livro IX: 6.5, 19.2, 19.4, 27.3; Livro X: 19.5, 20.5. HABICHT, Christian. **Pausanias’ Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 11, n. 57. Ver também: FRAZER, J.G. “Introduction”. In: **Pausanias’s Description of Greece**, translated with a commentary by J.G. Frazer, 1 vol. New York: The Macmillan Company, 1898. xvii-xviii.

⁸⁰ “[...] 103 refer the reader back to previous treatments, reminding him/her of information already given; 52 refer the reader forward to coming treatments”. AKUJÄRVI, Johanna.



Em síntese, Akurjärvi defende a função textual informativa das referências cruzadas através das quais

Além de trançarem os fragmentos de informações que se espalham por toda a *Periegesis*, [...] ajudam os leitores a se orientarem na obra, lembrando-os do que foi dito ou informando de antemão o que virá. Além disso, ao aludir [...] à informações que foram ou serão discutidas mais integralmente em algum outro contexto, o narrador tem a oportunidade de introduzir informações [...] em um contexto no qual pode não apresentar-se de outra forma ao leitor.⁸¹

Nesta mesma direção, Pretzler corrobora o postulado supracitado, em que “numerosas referências cruzadas e um quadro geográfico complexo mostram que todo o trabalho é cuidadosamente planejado e estruturado”⁸².

De mesmo modo, Jaś Elsner, discutindo a questão do gênero textual da *Descrição da Grécia*, argumenta que “[...] a sinalização sistemática de referências cruzadas do texto nega de certa forma a casualidade que alguém pode sentir ao ser colocado nas mãos desse viajante específico neste conjunto específico de viagens”⁸³.

Além disso, dá-nos um exemplo esclarecedor a respeito delas, já que

Do ponto de vista do leitor, apesar da aparente obstinação de vagar de cidade em cidade nas estradas através da desolada Grécia romana, referências cruzadas de Pausânias mostram uma estrutura clara em mente: ele sabe em Esparta que em breve irá

Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias' Periegesis. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005, p. 35-36.

⁸¹ Grifo da autora. “Apart from tying together the bits and pieces of information that are spread out throughout the whole of the *Periegesis*, [...] also help the readers to find their way through the work, by reminding them of what has been said or informing beforehand of what will come. Moreover, by alluding [...] to information that has been or will be discussed more fully in some other context, the narrator has the opportunity to introduce information [...] in a context in which it might not have presented itself otherwise for the reader”. AKUJÄRVI, Johanna. **Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias' Periegesis.** Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005, p. 40-41.

⁸² “Numerous cross-references and a complex geographical framework show that the whole work is carefully planned and structured”. PRETZLER, Maria. **Pausanias: travel writing in Ancient Greece.** London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 2.

⁸³ “[...] the text's systematic signaling of cross-references somewhat denies the haphazardness one may feel in being put in the hands of this particular traveler on this particular set of journeys”. ELSNER, Jaś. “Structuring ‘Greece’: Pausanias's *Periegesis* as a Literary Construct”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; _____. (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece.** New York: Oxford University Press, 2001, p. 5.



para Messênia, assim como em Messênia (4.29.12) sabe que mais tarde estará na Arcádia (8.51.5-8) e assim por diante.⁸⁴

Vimos, com isso, o debate tanto cronológico quanto da composição da *Descrição da Grécia*. Outra discussão necessária diz respeito ao próprio autor e a sua origem. De onde seria Pausânias? Francisco aponta a região da Lídia como a mais citada pela bibliografia, “mais especificamente a cidade de Manisa (antiga *Magnesia ad Sipylum*), já que as descrições de Pausânias sobre essa região são bastante detalhadas.” Francisco nota que “nesse caso, é o teor da obra que oferece dados convertidos em informação biográfica provável”⁸⁵. Fazendo-nos desnaturalizar certas “convenções” acadêmicas, com questões por ele levantadas, Francisco discute como “[...] a aceitação da indicação de um nome específico para o autor feita por Estêvão de Bizâncio; e, o mais importante, saber quem era o autor da *Periegesis*, aceitando ou não que seu nome fosse Pausânias”⁸⁶.

A partir de tais questões, podemos considerar o intuito de desmistificar o autor Pausânias e entender que a tradição acadêmica consolidou uma figura naturalizada como fonte da historiografia sobre a antiguidade.

De modo análogo às informações sobre a periodização de sua vida e escrita, há necessidade de extrair informações a partir de sua *Descrição da Grécia* devido a lacuna de fontes que chegaram a nós. Na introdução de *Pausanias's Description of Greece* (1898), a primeira tradução da *Descrição da Grécia* para a língua inglesa, Sir James Frazer relaciona algumas passagens do texto que dão indícios de um suposto local para a origem de Pausânias. As passagens são: 1.21.3; 1.24.8; 2.22.3; 5.13.7; 6.22.1; 7.2.1; 7.2.5; 7.24.13; 8.2.7; 8.17.3. De acordo com Frazer, na passagem mais próxima de uma afirmação direta sobre sua

⁸⁴ “From the reader’s viewpoint, despite the apparent waywardness of wandering from village to village on the roads through the wastes of Roman Greece, 20 Pausanias’s cross-references show a clear structure in mind: he knows at Sparta that he will shortly be off to Messene, as he knows in Messene (4.29.12) that he will later be in Arcadia (8.51.5–8), and so forth”. ELSNER, Jaś. “Structuring ‘Greece’: Pausanias’s *Periegesis* as a Literary Construct”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; _____. (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 5.

⁸⁵ FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 289.

⁸⁶ FRANCISCO, Gilberto da Silva. “Pausânias Historiador?” In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 288-289.



naturalidade⁸⁷, Pausânias narra “[...] que Pélops e Tântalo viveram na minha região, permanecem sinais até os dias de hoje [...] e em um pico do Monte Sípilo há um trono de Pélops [...]. É uma tradição entre nós que foi consagrado por Pélops (5.13.7).

As demais passagens podem ser consideradas como menções indiretas sobre sua região⁸⁸. Por fim, Frazer ressalta não haver nenhuma parte do mundo fora da Grécia que Pausânias mencione tanto quanto a região da Lídia, apontando a passagem (7.2.1; 7.2.5) através da qual narra os *lógoi* da colonização da Jônia em tons de “orgulho patriótico”⁸⁹. Visão de um erudito vitoriano com todas as problemáticas que o termo “patriótico” pode causar, beirando minimamente o anacronismo.

No mais, Habicht vai ao encontro de Frazer ao defender como pouco prováveis as afirmações de sua origem ser Pérgamo⁹⁰. Tanto Habicht quanto Francisco e outros autores⁹¹, corroboram o consenso sobre as claras indicações de Pausânias indicadas por Frazer, a respeito de sua região de origem ser o Monte Sípilo na Lídia. Habicht também observa que nessa região o exército romano, liderado pelos irmãos Cipião, venceu as forças do rei Antíoco o grande, em 190 a.C.⁹². Pretzler indica a cidade de Magnésia no Sípilo, província romana, como uma das regiões mais prósperas do império⁹³.

⁸⁷ FRAZER, J.G. “Introduction”. In: **Pausanias's Description of Greece**, translated with a commentary by J.G. Frazer, 1 vol. New York: The Macmillan Company, 1898, p. xix.

⁸⁸ FRAZER, J.G. “Introduction”. In: **Pausanias's Description of Greece**, translated with a commentary by J.G. Frazer, 1 vol. New York: The Macmillan Company, 1898, p. xix.

⁸⁹ FRAZER, J.G. “Introduction”. In: **Pausanias's Description of Greece**, translated with a commentary by J.G. Frazer, 1 vol. New York: The Macmillan Company, 1898, p. xix.

⁹⁰ HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 14, n 62; FRAZER, J.G. “Introduction”. In: **Pausanias's Description of Greece**, translated with a commentary by J.G. Frazer, 1 vol. New York: The Macmillan Company, 1898, p. xix.

⁹¹ AKUJÄRVI, Johanna. **Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias' Periegesis**. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005, p. 16; PRETZLER, Maria. **Pausanias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 21. Ver também: KONSTAN, David. “The Joys of Pausanias”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; _____. (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 58; PIKOULAS, Y.A. “Pausanias: Biography”. In: GEORGOPOULOU, Maria; GUILMET, Celine. **Following Pausanias: the quest for Greek antiquity**. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 38.

⁹² HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998, p. 13.

⁹³ PRETZLER, Maria. **Pausanias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007, p. 21.



Considerações finais

Neste artigo, o leitor encontrou uma análise dos principais elementos da obra *Descrição da Grécia* de Pausânias, seguida de um debate acadêmico sobre a autoria, o contexto de produção, a origem de Pausânias e as discussões sobre o gênero literário da *Periēgēsis* e suas abordagens no âmbito da historiografia. O artigo buscou explorar a cronologia e a composição da obra no século II d.C., seu título tardio (séc. VI d.C.), e seu processo de recepção ao longo dos séculos. Também discuti a construção acadêmica da autoria e a historiografia relacionada ao suposto *autor* Pausânias, provavelmente originário da Lídia. Com isso, buscamos atualizar o debate acadêmico e abrir novas perspectivas para o estudo dessa fonte no contexto da antiguidade clássica.

Data de submissão: 26/06/2024

Data de aceite: 29/11/2024

Referências

ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas; “Preface”. In: _____ (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. vii-x.

AKUJÄRVI, Johanna. **Researcher, traveller, narrator: studies in Pausanias’ Periegesis**. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2005.

BEARD, Mary. “Pausanias in Petticoats’ or The Blue Jane”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 224-239.

BOWIE, Ewen L. “Inspiration and Aspiration. Date, Genre and Readership”. In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas. **Pausanias: travel and memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 21-32.



CARTLEDGE, Paul. "Sparta's Pausanias: Another Laconian Past". In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 167-174.

CHERRY, John F. "Travel, Nostalgia, and Pausanias's Giant". In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 247-255.

ELSNER, Jaś. "Structuring 'Greece': Pausanias's *Periegesis* as a Literary Construct". In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; _____. (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 3-20.

FRANCISCO, Gilberto da Silva. "Pausânias Historiador?" In: SILVA, Glaydson José da.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Orgs). **A ideia de História na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Alameda, 2017, p. 281-293.

FRAZER, J.G. "Introduction". In: **Pausanias's Description of Greece**, translated with a commentary by J.G. Frazer, 1 vol. New York: The Macmillan Company, 1898.

GUILMET, Céline. "The Survival of Pausanias' Text". In: GEORGOPOULOU, Maria; _____. **Following Pausanias: the quest for Greek antiquity**. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 52-53.

GUILMET, Céline. "The Dissemination of the *Periegesis* in Print, 16th - 17th Centuries". In: GEORGOPOULOU, Maria; _____. **Following Pausanias: the quest for Greek antiquity**. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 88-95.

HABICHT, Christian. **Pausanias' Guide to Ancient Greece**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1998.

HENDERSON, John. "Farnell's Cults: The Making and Breaking of Pausanias in Victorian Archaeology and Anthropology". In: ALCOCK, Susan E.; CHERRY, John F.; ELSNER, Jas (Eds.). **Pausanias: travel and Memory in Roman Greece**. New York: Oxford University Press, 2001, p. 207-223.



MENESES, Ulpiano Bezerra de. “Ainda a arca de Cípselo: Pausânias, tradições literárias e o ‘patrimônio cultural’”. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; CERQUEIRA, Fábio Vergara; FUNARI, Pedro Paulo A (Ed.). **Arqueologia do mediterrâneo antigo. Estudos em homenagem a Haiganuch Sarian**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: FAPESP: SBEC, Campo Grande: Life Editora, 2011. p. 229-247.

PAUSANIAS. **Description of Greece**. Translated by Jones, W. H. S. and Omerod, H. A. Loeb Classical Library, 5 vols. Cambridge: Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1-2: 1918; 3-5: 1926; 6-8.21: 1933 e 8.22-10: 1935.

PAUSANIAS. **Pausanias's Description of Greece**, translated with a commentary by J.G. Frazer, 6 vols. New York: The Macmillan Company, 1898.

PAUSANIAS. **Pausaniae Graeciae Descriptio**, 3 vols. Leipzig, Teubner. 1903.

PRETZLER, Maria. **Pausanias: travel writing in Ancient Greece**. London; New Delhi; New York; Sydney: Bloomsbury, 2007.

STAIKOS, K. S. “The First Edition of Pausanias’ *Ελλάδος Περιήγησις*”. In: GEORGOPOULOU, Maria; GUILMET, Celine. **Following Pausanias: the quest for Greek antiquity**. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 80-87.

TOLIAS, George. “Pausanias in Modern Times (1418-1820): Introduction”. In: GEORGOPOULOU, Maria; GUILMET, Celine. **Following Pausanias: the quest for Greek antiquity**. New Castle: Oak Knoll Press, 2007, p. 57-73.

